

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 19

DOMINGO - 18 de Outubro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

OS SUPER-HOMENS

NESTES nossos tempos onde a vontade se vai deliquescendo na atmosfera mórbida e nas contrariedades cotidianas, ainda, surgem com certa abundância e com certo espalhamento os super-homens, os grandes génios dominadores de todas as circunstâncias e de todos os acontecimentos. Há os de todas as espécies e feitos, baixos e altos, obesos e magérrimos, de bigodinho ou sem bigodinho, muito cultos ou em estado bruto. Toda uma literatura se empenha em en Deusar o homem erguendo-o a culminâncias intangíveis, e o cinema, também, por sua vez, tem ajudado a criar uma enorme galeria de monstros que constitui abundante fonte de dados para quem pretender aprofundar os seus conhecimentos sobre tão esquisito fenómeno social. Recordamo-nos dos primeiros filmes de Fritz Lang, das criaturas que aí passavam impressionantes e estranhas e que se enquadravam significativamente na aurora dessa época dramática da Alemanha, á volta dos anos de 1933. Antes, no tempo de Bismark, Wagner nas suas sinfonias e Nietzsche na filosofia, tinham compreendido inteligentemente as aspirações imperialistas do seu povo, utilizando a arte e o pensamento como veículos aproveitáveis para tais desideratos. Veio en-

«Notícias do Algarve»

Agradecendo as referências feitas pelo nosso jornal às festas da «Semana do Náufrago», realizadas em Portimão, tiveram a gentileza de enviar-nos amáveis ofícios os srs. capitão-de-mar-e-guerra Jaime Couceiro, presidente do Conselho de Administração do Instituto de Socorros a Náufragos, e comandante Joaquim Cortes Carasco, capitão dos portos de Portimão e Lagos, e presidente da comissão local daquele Instituto.

Registamos com muito prazer estas amabilidades.

OBJECTIVOS

ESTÁ a realizar-se em Lisboa o VIII Congresso da União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo com a presença de delegados de 48 países.

A sessão de abertura, efectuada no evocativo Castelo de S. Jorge, de onde se goza a paisagem maravilhosa da cidade e do Tejo, decorreu de forma a marcar lugar de relevo entre os acontecimentos da actualidade pelas afirmações ali feitas pelo ilustre Ministro da

«Correio de Azemeis»

Completo, no passado dia 5, o seu trigésimo primeiro aniversário, o nosso prezado colega «Correio de Azemeis», ao qual apresentamos, bem como ao seu director, Dr. Martinho Luís de Almeida, as nossas cordiais felicitações.

POR
RODRIGUES PENA

tão o inevitável: guerras que envolveram o mundo inteiro, rapinagens sangrentas, orgias de dolos e sangue. Na voragem foram tragados muitos dos povos e das suas aspirações; outros, no entanto, que não gozavam das tradições históricas, surgiram no tablado como dignos herdeiros e admiráveis emulos desses povos que o desenrolar dos acontecimentos atirara para lugares subalternos. A dança continuava a ser idêntica, apenas os comparsas se substituíam. Foi então indispensável criar uma adequada superestrutura ideológica pronta a definir aspirações e a legitimar ambições condenadas pelos princípios e sentimentos humanos. Já Nietzsche

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

TEM A PALAVRA UM LEITOR UMA CARTA E ALGUMAS SENTENÇAS

Sr. Director

CASO não considere o meu pedido excessivamente impertinente, agradecia-lhe me cedesse um cantinho

do «Notícias do Algarve», para dar duas modestas e bem intencionadas sentenças sobre Monte Gordo — esta riqueza de praia que nós, os vilarealenses, tanto nos orgulhamos.



Praia do Monte Gordo — Avenida Vasco da Gama e Casino Oceano

A CIÊNCIA LIBERTOU-SE!

QUE se vai escrever é um breve alinhavo, uma caricatura tosca da ciência. Vejamos se consigo passar ao papel os seus característicos, os riscos elementares que lhe dão personalidade e a distinguem das religiões e filosofias.

A ciência é bastante fácil de retratar, mas muito difícil de caricaturar. Ela tem um passado, isto é, uma história, e uma filosofia que, no final de contas, é antítese da filosofia propriamente dita. Estamos perante uma senhora dinâmica, nada sentimental, pouco

pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

efectiva, sempre de costas voltadas ao passado e sempre duvidosa das suas próprias verdades. Tem uma roda numerosa de admiradores que, influenciando-se da sua psicologia, falam a medo e dizem apenas: Eu creio que... Eu penso que... Eu julgo que...

Excessivamente prática, a ciência prescreta o presente. Quando raro afirma qualquer coisa, a afirmação depende sempre dum se; é sempre condicionada, sempre relativa a uma outra qualquer coisa, aceite à priori como um mal necessário.

Sob este ponto de vista a ciência aproxima-se muito das religiões. Apenas se diferencia pelo carácter das verdades enunciadas e pelos objectivos

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

Festa de homenagem ao

Dr. Filipe Lopes do Rosário Júnior

Para comemorar as suas «Bodas de Prata», como gerente do Banco Nacional Ultramarino, completadas em 26 de Fevereiro de 1952, realizou-se, ontem, em Faro, uma festa de homenagem ao sr. Dr. Filipe Lopes do Rosário Júnior, que exerce aquelas funções na filial do mesmo Banco na capital deste distrito.

Deslocou-se de Lisboa, especialmente para tomar parte naquela homenagem, o inspector-chefe, sr. António Monteiro dos Santos, que no acto também representou a Administração daquele importante estabelecimento bancário.

Assistiram, igualmente, ao acto, todos os gerentes das agências do Algarve, tendo outros, de vários pontos do País, enviado telegramas de felicitações.

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Agora, com os primeiros chuviscos e «arrefecimentos» do Outono, há-de parecer inoportuno, a muito boa gente, que se fale da praia...

Não tenho, porém, a intenção de fazer poesia, cantando os coloridos do mar e das areias, ou descrevendo as silfides tentadoras que, vestidas de fato de banho ou despidas em traje de noite, deram asas a desvairados vãos de imaginação; nem, tampouco, recapitular qualquer dessas magníficas «Crónicas de Monte Gordo», em que J. M. nos revelou as sutilezas de seu espírito observador, com a sua pontinha de malícia e de graça — pondo em alvoroço corações de várias e duvidosas idades, e agravando seriamente algumas pressões arteriais... Tu-

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

A Crise de Pesca no Algarve

O nosso prezado colega «O Sesimbrense» teve a gentileza, que agradecemos, de transcrever o artigo, com o título referido, da autoria do nosso distinto colaborador sr. Mário Gentil-Homem, acrescentando:

É o editorial do dia 4, publicado pelo nosso ilustre colega «Notícias do Algarve», de Vila Real de Santo António, o artigo que acabamos de transcrever — verdadeiro da primeira à última linha, e cujas verdades interessam a toda a costa portuguesa.

Transcrevemo-lo com o maior interesse, e apoiamo-lo com toda a nossa vontade.

Cá como lá, a intensidade da pesca é acto grave a exigir pronto remédio. Mas cá, e não sabemos se lá também, as traineiras, e o que é mais grave, as nossas próprias traineiras, pescam de luzes apagadas, largam redes sobre as «armações», e se ainda não trouxeram nas redes os «ferros» do «Ilheu» ou do «For-ninho», isso se deve àqueles serem de grandes dimensões...

Quando os nossos procedem assim, que poderemos esperar dos altheios? E da fiscalização das zonas, estabelecida por Lei, também não será lícito esperar nada?

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

Ali para as ruas escondidas que mal se distinguem do caminho dos «elétricos» letreiros luminosos coloridos atraentes boites nocturnas oh! o bonito nome boites qualquer coisa diferente as pesadas discretas portas o porteiro agalado e lá dentro a música romântica como um ópio fluido ah! sim é para isso que serve a música romântica nas ruas escondidas muitas muitas boites nocturnas cada dia uma boite nova óptima aplicação de capital lucro garantido a crise? a extrema necessidade? ora ora histórias o velhote descendo do automóvel o que elas querem afinal é pândega a música romântica como um ópio fluido.

Botânica

Todos nós conhecemos árvores que dão sombra. Imensas árvores que cobrem toda uma povoação. Mas desafio os leitores a encontrar uma, por maior que seja, que dê mais sombra do que a pequenina árvore que se chama Paz. Três letras só e, no entanto, cobre e defende toda a humanidade.

Depois digam que não tenho razão

«A maior invenção depois da rádio — dizia ele — foi o botão que permite fechar a mesma rádio». O cronista queria fazer graça com esta desgraça: um veículo de cultura e educação em serviços que geralmente competem aos camiões matinais da Camara.

Pesadelo.

Pensem um pouco nisto

Na reportagem de abertura do ano lectivo o «Diário de Lisboa» punha na boca de um aluno estas palavras: as férias nem tinham sabido bem só a pensar no pesadelo das aulas.

Horrorosas palavras! Horrorosas, mas — e doi-me o coração ao dizer isto — verdadeiras.

Apontamento

Tudo se passa em quatro tempos. Quando se aproxima de uma senhora casada perfila-se; tira o chapéu de coco um tudo nada puido; curva-se; beija as costas da mão que a senhora lhe estende. Como para fazer isto leva certo tempo, os transeuntes apressados protestam. Finge não ouvir. Sente um secreto prazer em ocupar durante alguns minutos quase metade do passeio. E preciso mostrar a estes selvagens que a delicadeza ainda não morreu.

Repulsa

O velho traficante a falar do espirito! Recuo assombrada, como se de repente, diante de meus olhos, um verme experimentasse voar.

Pintor José Campas

Foi transferido, a seu pedido, da Escola Comercial e Industrial de Lagos para a de Abrantes, o distinto professor do ensino técnico e ilustre pintor, sr. José Campas, nosso querido amigo, que altamente admiramos como artista e apreciamos sinceramente pela invulgar gentileza do seu trato.

Desejamos a prof. José Campas, com a certeza de que não esqueceremos o seu grato convívio, as maiores felicidades.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Retirou para Albufeira, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Jacinto d'Assunção Pinto, distinto chefe da Secretaria da Câmara Municipal daquela vila, que durante alguns dias esteve de visita a sua família.

Com sua esposa esteve alguns dias entre nós, o nosso assinante e amigo, sr. Joaquim Martins Rocharte, distinto chefe da Estação dos Caminhos de Ferro, em Saboia.

Foi a Lisboa, com curta demora, o nosso amigo e assinante sr. José de Lima.

Retirou para Lisboa, a sr.^a D. Maria dos Martires Pinhol, nossa conterrânea, que passou alguns dias nesta vila.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, o nosso prezado assinante, sr. João Cumbreira Ramirez.

Também regressou de Lisboa, a sr.^a D. Celeste Pedrosa Costa, esposa do nosso querido amigo e assinante, sr. Emilio Diogo Costa.

Foi a Lisboa, acompanhado de sua filha, o sr. Manuel Silva, empregado do Café Império, desta vila.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso amigo sr. João Gonçalves Conceição, digno chefe da Estação dos Caminhos de Ferro, em Cuba, que com sua esposa já retirou para aquela vila.

De visita a sua família, esteve entre nós, o nosso assinante, sr. Ilídio Setubal, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, em Beja.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso amigo e assinante, sr. Manuel Bravo Gomes.

Foi a Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel da Silva Domingues, conceituado industrial da nossa praça.

De visita a sua família, esteve alguns dias nesta vila, tendo já retirado para a sua residência, em Lisboa, a sr.^a D. Maria Luísa Rosa Robert, filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. Eurico Rosa.

Deu-nos o prazer da sua visita a nossa redacção, o nosso prezado amigo, sr. Alvaro Duarte Gomes, viajante da conceituada firma, Soc. de Representações Cupertino de Miranda & C.^a Lda., de Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, em Lisboa, sr. António José Rodrigues Rosa, funcionário superior dos C. T. T.



María Inácia (Campinhas)

Missas nos 30 dias e Agradecimento

Em sufrágio da alma da saudosa finada, sua família participa a todas as pessoas amigas, que no próximo domingo, dia 25 do corrente mês, às 11 horas, será celebrada uma missa na Igreja da Conceição de Tavira.

Desde já muito agradece a todos os assistentes.

Também manifestam eterno reconhecimento, a todos os que se dignaram acompanhar à sua última morada, a sua extremosa mãe, sogra e avó.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositária nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República-Telefone 12

Noticiário da Província

PORTIMÃO

Hospital da Misericórdia de Portimão

Transcrevemos a seguir o movimento do passado mês de Agosto neste estabelecimento hospitalar:

Transitaram do mês anterior.	28
Entraram durante o mês.	47
Soma	75
Sairam: Com alta	48
Faleceram.	2
Transitaram para o mês seguinte.	25
Soma	75

Outros serviços prestados:

Consultas.	113
Tratamentos.	598
Tratamentos de urgência.	84
Operações	12
Intervenções de pequena cirurgia	15
Radiografias.	18
Análises	42
Soma	880

Estes junto àqueles dão um total de 955 serviços prestados durante o mês, números bastante elucidativos e que dispensam qualquer comentário.

Quem perdeu?

Na via publica foram encontrados os seguintes objectos:

- 1 relógio de pulso, para homem;
- 1 armação com vidros escuros para adaptar em óculos;
- 1 caneta de tinta permanente;
- 1 anel de criança;
- 1 lenço de seda, para senhora.

Estes objectos encontram-se depositados no posto da P. S. P., e serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

Transcrição

Porque se nos depara oportuno, a seguir transcrevemos com a devida vênia, o artigo de Alexis Carrel, sob o título «Aos Educadores», publicado no nosso prezado colega «Comércio de Portimão», no seu número de 8 do corrente mês.

Diz o articulista:

«E' infinitamente mais importante aprender a arte de viver com o semelhante, sem discussões, sem críticas, sem calúnias e sem ódios, do que estudar geografia das ilhas do Pacifico, a história da arte egípcias ou a álgebra.

O conhecimento das leis de moral é tão necessário à sobrevivência do indivíduo e da raça como o das leis da física e da fisiologia.

A ciência não serviria para nada se a sociedade e raça degenerassem. A desintegração social produz-se por causa do hábito, da inveja, da calúnia, da mentira, da desonestidade, da cobiça, da incapacidade de manter a palavra dada, da malevolência do espírito crítico, da ironia, da chacota, da grosseria, da ingratidão e do egoísmo.»

Justas deduções sobre um estado espiritual, que é «o pão nosso de cada dia», nesta época de progresso em que os homens não se respeitam a si próprios, caminhando para o desequilíbrio moral. — C.

“Notícias do Algarve”

Conforme oportunamente informamos os nossos estimados assinantes, estão à cobrança os recibos referentes à 2.^a Série, n.º 11 a 20 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes das Colónias Portuguesas, e bem assim do Estrangeiro, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Preço de Assinaturas:

Continente	
Séries de 10 números	9\$90
” ” 20 ”	19\$90
” ” 50 ”	49\$50
Ilhas e Colónias Portuguesas	
6 meses	28\$80
Um ano	57\$60
Estrangeiro	
Um ano	90\$00
Pagamento adiantado	

ALGOUTIM

Casamento

Na igreja paroquial de Estoi, realizou-se há dias a cerimónia do casamento da sr.^a D. Maria Rita Quintino Borralho, professora do ensino primário, filha da sr.^a D. Rita Quintino dos Santos, já falecida, e do sr. Manuel António Borralho, de Corte Pereiro, Alcoutim, com o sr. António José de Oliveira Marcos da Fonseca, também professor de ensino primário, filho da sr.^a D. Eugénia da Conceição Oliveira e do sr. José Marcos da Fonseca, adjunto da Direcção Escolar deste distrito.

Serviram de padrinhos por parte da noiva, seus irmãos, srs. António Quintino dos Santos, oficial de aeronáutica, e Evaristo Quintino dos Santos, funcionário da Capitania do Porto de Sesimbra, e, por parte do noivo, seus tios, sr. Dr. António de Oliveira, médico em Freches, concelho de Trancoso, e esposa.

O acto religioso foi celebrado pelo Rev. sr. Padre Carlos do Nascimento Patrício e, findo ele, foi servido em casa da família da noiva, um finíssimo copo de água a numerosos convidados. — C.

Objectivos

(CONCLUSÃO DA 1.^a PÁGINA)

económico, mas nunca este se apresenta como dominante ou razão única.

Portugal tem procurado, nestes últimos anos, manter no maior grau possível a liberdade do movimento de pessoas, de mercadorias e de capitais e, com satisfação, vê os estrangeiros que o visitam; não oferece dificuldades aos portugueses que procuram visitar outros países. Ao mesmo tempo tem-se procurado tornar o País progressivo e acolhedor, mantendo as características tradicionais de cada terra e de cada povo, como expressão de vitalidade, acolhendo todos com a maior alegria para que a paisagem seja conhecida, admirado o clima, identificados os seus monumentos que falam do passado e do presente.

E tudo isto se fez em poucos anos, com a orientação do Secretariado Nacional da Informação, num trabalho que afirma a resolução dos problemas-base do Turismo nacional.

Afastamo-nos e condenamos a doutrina perigosa e enganadora que faz das actividades turísticas meros processos de resolver problemas económicos. O Turismo tem aspectos morais e espirituais, sociais e culturais, problemas educativos que não devem ser suplantados pelo aspecto económico. E' dentro desta doutrina que se trabalha; é ela que comanda as nossas actividades turísticas fazendo de cada visitante um amigo e um admirador porque viu e observou a nossa vida social, admirou com prazer espiritual as nossas paisagens, porque se educou perante os nossos monumentos sem que tudo isto pudesse comprometer a sua bolsa além da normalidade das despesas.

Não fazemos exploração turística: fazemos turismo, o que implica encarar todos estes múltiplos aspectos e problemas que se apresentam para melhor conhecimento e compreensão dos povos, atraindo o turista com processos sérios e facilitando-lhe o conhecimento do que para ele pode constituir motivo de interesse.

J. Estêvão Pinto

OLHAO

Festa de Nossa Senhora do Rosário

Realizou-se em Olhão, no passado dia 11 do corrente, perante milhares de forasteiros, assim como fiéis desta vila, a festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, a qual foi abrilhantada pela Banda da Legião Portuguesa, Terço n.º 2, de Olhão, percorrendo as ruas principais da vila. A procissão era representada pelos cônegos, srs. António de Jesus Alagaia, Francisco Lucas Pacheco e Sebastião Amândio.

Viam-se além de outras personalidades locais, os srs. Lourenço Mendonça e João Sancho, respectivamente presidente e vice-presidente da Câmara, delegados de diversos organismos, oficiais da Legião Portuguesa, membros da Junta de Freguesia de Olhão, etc..

A procissão terminou cerca das 18 horas, e em seguida houve sermão pelo padre, sr. José Nobre Duarte, na tribuna que dá para a Avenida da República.

O edificio onde está instalada a Junta de Freguesia, encontrava-se iluminada o que dava uma vista bonita à avenida.

Neurologia

No passado dia 10 do corrente, faleceu nesta vila, o importante industrial de padaria, sr. António José Gonçalves, casado com a sr.^a D. Maria Faisca Gonçalves, e pai das sr.^{as} D. Maria do Carmo Santos Coelho e D. Maria do Rosário Gonçalves Baptista e dos srs. António José Gonçalves Júnior, professor do Ensino Secundário e José Afonso Faisca Gonçalves, funcionário da Aliança Construtora Algarvia.

O falecido contava 75 anos de idade e era natural da cidade de Faro, vivendo nesta vila há 50 anos.

Pelo seu espírito de iniciativa e pelo seu carácter e trabalho, o sr. António José Gonçalves, foi um grande nacionalista e nomeado pelo Governo da Nação, para vice-presidente do Grémio de Panificação de Faro, onde com zelo e dedicação, exerceu a sua missão, com simpatia de todos em geral.

Grande admirador da arte musical, que lhe ficaram devendo revelantes serviços, o qual também foi fundador da Filarmónica Olhanense.

O seu funeral realizado no dia 10, para o cemitério local, foi acompanhado por numeroso público de todas as camadas sociais e por representações de diversas agremiações.

A família enlutada apresentamos a maior sentida manifestação de pesar e sentimento. — C.

A quem de direito

Pedem-nos alguns moradores da Rua Jacinto José de Andrade, que chamemos a atenção de quem de direito, para o estado de pouca limpeza, em que se encontra a zona sul daquela artéria, com sério perigo para a saúde dos seus moradores.

Aguardamos, pois, sejam tomadas as necessárias providências.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

Anunciar no «Notícias do Algarve», defensor dos interesses da nossa provincia, é ter a certeza de aumentar as suas vendas e tornar conhecidos os seus produtos.

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António de 9 a 15 de Outubro:

Trainceiras:	
Maria Rosa	10.290\$00
S. Domingos	7.710\$00
Tufão	7.580\$00
Levante	7.535\$00
Liberta	7.400\$00
Brisa	6.380\$00
Leste	5.619\$00
Pérola do Guadiana	4.440\$00
Norte	3.680\$00
Flor do Guadiana	3.220\$00
Janita	1.680\$00
Alvarito	560\$00
Total	66.094\$00

Cercos:
Amazona. 1.080\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 9 a 15 de Outubro:

Entrados:
PRIMOS, Português, de 109 toneladas, de Viana do Castelo, com madeira.
CORVO, Português, de 773 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.
DRIEBERGEN, Holandês, de 499 toneladas, de Cádiz, vazio.
MARIA B, Italiano, de 410 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.

Saídos:
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
SILVA GOUVEIA, Português, para o Porto, com enxófre.
ROLANDSECK, Alemão, para Rotterdam, com cortiça.
PRIMOS, Português, para Faro, vazio.
CORVO, Português, para Ponta Delgada, com sal.
DRIEBERGEN, Holandês, para Londonderry, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 17 a 23 de Outubro, a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro:
As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

Vila Real - Mértola:
Saída de Vila Real, às 8,30, chegada a Mértola, às 12,5 horas.

Saída de Mértola, às 17, chegada a Vila Real, às 20,30 horas.
Estas carreiras realizam-se diariamente.

Vila Real - Martinlongo:
Saída de Vila Real, às 16,15, chegada a Martinlongo, às 19,45 horas.

Saída de Martinlongo, às 7, chegada a Vila Real, às 10,15 horas.

Estas carreiras não se efectua aos domingos.

Todas estas camionetas passam por Alcoutim.

Armazém

Precisa-se alugar um armazém.

Informa a Redacção deste Jornal.

Casamento

Rapaz, boa formação moral, educado, b. situação, deseja conhecer sr.^a ou menina c. bons predicados e alguns meios, para fins matrimoniais.

Assunto máx. seriedade e urgência.

Reposta a este jornal às iniciais A. S.

CASA

Vende-se, na Rua Fabril, em Vila Real de Santo António.

Tratar com Palma Rita, nesta vila,

GAZETILHA

RESCALDO

Bulhosa, espampanante, a feira seguiu adiante com seu «cortejo de oferendas», o tempo fez-lhe a partida roubando-lhe muita vida, muita gente, muitas vendas...

Mais que nos anos passados lá vimos representados os carrouseis, este ano, e os tais «ratinhos da sorte» tiveram frequência forte levando tudo ao engano...

Houve «bruxas» e «fantasmas» a pedirem «cataplasmas» pela ingénua vigarice, circos para apreciar, «casinos» para jogar e muita outra esquisitice.

Houve acrobatas em motas, bugigangas leva-notas, barulheira, confusão e também houve, é verdade, com boa continuidade, bonita iluminação...

BIN OCLO

PARA SI, minha Senhora

«MEIA-ESTAÇÃO»

QUER DIZER

«TAILLEUR»

por Noémia Gil Faria

O VESTIDO ligeiro, fresco e juvenil é o grande senhor no verão, o casaco confortável, quentinho e elegante tem a supremacia no inverno, mas, durante a meia estação, é, na verdade, o «tailleur» o rei e senhor nas ruas, nas visitas, nos cinemas e já muitas vezes (há modelos lindíssimos em veludo e outros em setim) nos jantares, nos teatros e até em cerimónias elegantes.

O «tailleur» desta meia estação é quase igual e, contudo, bem diferente dos modelos anteriores. Antes de mais nada, as saias, que são rodadas em quase todos os modelos de vestidos, são, aqui, lisas e esguias. Deram muito que falar quanto à altura, mas quanto ao feitio é tão simples, que não vale duas palavras. Uma sobriedade que nos tapa a boca. Algumas saias ainda têm uma prega funda, no lado das costas, para dar um pouco mais de liberdade ao andar, mas a grande maioria nem isso tem.

Os casacos, porém, já apresentam grandes novidades. A primeira é o seu comprimento, muito mais curto, não chegando alguns a ter dez centímetros de aba, a partir da cintura. Há mesmo, nas modernas colecções, alguns modelos que não passam de boleros abotoados, justos à cintura e com mangas compridas. É certo que nos figurinos se vêem uns «tailleurs» com os casacos muito compridos e largos, mas isso já não é a mesma coisa. Trata-se do «paletot», que se veste por cima do «tailleur». E aí está

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

O Conde de Ficalho

HERÓI DA GUERRA PENINSULAR

pelo Dr. FRANCISCO V. MACHADO

O DECORRER dos anos tende fatalmente para desgastar a lembrança dos homens cujos feitos notáveis tanto ilustraram seus nomes, prestigiando ao mesmo tempo as terras que lhes serviram de berço. Ao conde de Ficalho, Francisco José de Mello Breyner Teles da Silva, que nasceu na vila de Serpa, baptizado em 11 de Novembro de 1781, na igreja de Santa Maria, não têm sido prestadas as homenagens que bem merece, sendo de inteira justiça assinalar alguns traços da sua forte personalidade e do seu carácter de eleição. A sua vida breve, porque a soube perder heroicamente no campo da honra, foi deveras acidentada, no meio das perturbações da época, mas sempre realçada pelo mais nobre espírito patriótico, que nunca deixou de imprimir as directrizes dos seus actos, até ao sacrifício máximo.

É com desassombro invulgar que, em fins de Maio de 1809, se dirige a D. Miguel Pereira Forjaz, creio que ao tempo, ministro da Guerra, pedindo a sua transferência para o regimento de Infantaria 22, porque o regimento de Infantaria 13, aquartelado em Tomar, em que então estava a servir no posto de sargento-mor, era um dos que estavam a soldo e disposição de Inglaterra, esperando em que lhe fosse concedida esta graça sob a prevenção de que, se por algum motivo fosse indeferido o seu requerimento, se veria obrigado a entregar as suas patentes e ir servir como soldado nalgum dos corpos do Exército que não se encontrasse em circunstâncias tão atentatórias do brio nacional. Esta atitude firme e honesta já marca bem a tempera rija do seu carácter admirável, que não sabia pactuar com conveniências fáceis, desde que as julgasse indignas de si próprio ou da Pátria que idolatrava.

Este brioso fidalgo foi mandado prender pelo marechal Beresford, por motivo de uma insignificante falta disciplinar, e, por isso, se viu moralmente obrigado a pedir a demissão de oficial do Exército.

O grave incidente então suscitado, deu origem à publicação de um aviso, na ordem do dia de 19 de Janeiro de 1810, em que se diz que Francisco de Melo, sargento-mor do regimento de Infantaria n.º 13, ainda depois de ser advertido e contra a ordem do comandante em chefe do Exército, marechal Beresford, se demorou em Lisboa, suposto por causa de doença, contudo sem a licença que necessariamente devia ter requerido.

Houve, o mesmo comandante em chefe, por bem conceder ao dito Francisco de Melo a demissão, que pediu, do serviço real e ordenar que fosse recluso na Torre de Belém.

Acrescentava-se, ainda, que a perda para o Exército de uma pessoa

que desejava deixar o serviço quando todo o reino era chamado a ele, para se opor ao inimigo, como fez Francisco de Melo, não seria lamentada por soldados e oficiais portugueses, assim como o não era, de forma alguma, pelo sr. marechal, que, antes, pretendia eliminar do Exército pessoas que, num momento tão difícil, podendo passear e frequentar os teatros, se achavam somente incapazes para fazer face ao inimigo do seu Príncipe e da sua Pátria. Foi rude e malévola acintosa a afronta feita a tão distinto fidalgo que soube, em tão delicadas circunstâncias, proceder digna e honradamente, acabando por sair vencedor da contenda travada. Não podia deixar de dar brado, na

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O PROBLEMA AGRÁRIO EM PORTUGAL

O PROBLEMA agrícola é, em Portugal, assunto de extraordinário e premente importância, o que se compreende, visto que a população aumenta constantemente de densidade e não só as áreas de cultivo não se desenvolvem, como até os próprios meios de produção se limitam, na grande e esmagadora maioria dos casos, aos mais elementares e primitivos. Portanto, o actual desequilíbrio entre a produção e o consumo tende a agravar-se, não só pelas razões acima apontadas, mas também porque os novos hábitos contraindos em contacto com as influências dos povos que nos rodeiam provocam em nós, incessantemente, novas necessidades, que só podem ser satisfeitas mediante a importação, paliativo que não pode perdurar, a não ser que, pelo menos, em troca do que se importa, tenhamos algo para exportar.

É claro que o assunto da alimentação no nosso País e das respectivas normas e processos de actividade agrícola, são apenas pequeno parágrafo do colossal problema da alimentação dos habitantes de todos os povos do mundo, o que é, evidentemente, obra muito mais séria, grave e complexa, exigindo, portanto, estudos mais circunstanciados e soluções mais drásticas e ousadas, entre as quais seria pre-

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

«Voz do Sul»

Festejou, no passado dia 5, o seu trigésimo nono aniversário, o nosso prezado colega «Voz do Sul», de Silves, motivo porque lhe endereçamos, bem como ao seu ilustre director, sr. Henrique Martins, as nossas cordiais felicitações, com votos de muitas prosperidades.

Outono Primavera...

Se és, para mim, a Primavera em flor, neste esperar do amor em Primavera, não queiras destruir-me esta químera de ter, presente em mim, o teu amor.

A dor de te perder, é maior dor que tudo o mais que surja em qualquer era... O temor ceifa... e a esperança grita: — espera! mas tremo que, por fim, vença o temor.

O Outono bate à minha porta... e, agora, eu sinto quanto custa estar de fora da Primavera — que tu és! — florida.

Semeio esperanças... como hei-de colhê-las? pode a semente transformar-se em estrelas e não me dar, jamais, a tua vida?!

21-9-1953

SÉRGIO

X - O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO

FEIXES PLANETÁRIOS

pelo Capitão ANTÓNIO GONÇALVES

ENERGIA ELÉCTRICA

OS ELECTRÕES estão, como dissemos, animados de movimento em volta do núcleo. Cada órbita electrónica é caracterizada por um determinado nível de energia, que é função da energia do electrão. Se, por qualquer motivo, um ou mais electrões mudarem de órbita, o seu nível energético varia, aumentando se passarem de uma órbita, mais interior para outra mais exterior, diminuindo em caso contrário. Quanto maior é o nível energético, menor é a energia de ligação electrónica, e, portanto, menor é a sua estabilidade.

O estado natural dos átomos corresponde a níveis energéticos electrónicos mínimos; isto é, à existência de órbitas de níveis os mais baixos compatíveis com a natureza do átomo.

Quando se fornece energia ao átomo proveniente de uma fonte exterior, este fica excitado e pode aumentar o nível energético electrónico, passando, neste caso, um ou mais electrões para órbitas mais exteriores. Na tendência para o equilíbrio, os electrões, ao voltarem às suas órbitas normais, podem fazê-lo por um salto ou saltos sucessivos, libertando energia sob a forma de fotões. A energia dos fotões é igual à diferença das energias das órbitas electrónicas. Quanto maior for o salto do electrão duma órbita mais exterior para outra mais interior, maior é, portanto, a energia do fotão emitido.

Como já dissemos, a energia fotónica é proporcional à frequência da radiação electromagnética que a acompanha. As radiações são, portanto, tanto mais penetrantes quanto maiores forem as suas frequências. As radiações electromagnéticas, por ordem crescente da frequência, são as seguintes:

Radiações hertezianas	$10^4/10^{13}$	ciclos/s
Radiações infravermelhas ou caloríferas	$714.10^9/4164.10^{11}$	ciclos/s
Radiações visíveis	$4164.10^{11}/7495.10^{14}$	ciclos/s
Radiações ultravioletas	$7495.10^{14}/749.10^{14}$	ciclos/s
Radiações X	$857.10^{13}/30.10^{19}$	ciclos/s
Radiações gama	$12.10^{17}/43.10^{20}$	ciclos/s

O átomo, quando excitado, ao passar ao seu estado normal, pode emitir qualquer destes tipos de radiações. As radiações gama, de todas as mais penetrantes, são, como vimos, de origem nuclear. As restantes radiações são de origem electrónica, tomando um ou outro aspecto função da energia dos fotões emitidos.

Quando um electrão passa de um nível elevado para um nível bastante baixo, por exemplo, das órbitas exteriores para as órbitas interiores K ou L (n = 1 ou 2), o fotão emitido possui uma grande energia e logo uma elevada frequência, e, portanto, a radiação correspondente deve ser do tipo X. É o caso, já citado das radiações X emitidas pelos radioelementos artificiais, quando electrões do nível K ou L são capturados pelo núcleo, e ainda do fenómeno da produção de radiações X conseguida por Roentgen em 1895, como adiante veremos. Pelo contrário, quando um electrão passa de uma órbita para outra mais interior e próxima, a energia e frequência do fotão emitido é fraca e a radiação correspondente é do tipo herteziana.

Todos os outros tipos de radiações não são mais do que casos intermediários destes dois apresentados. O átomo, na sua complexidade, pode, sob este aspecto, assemelhar-se a um posto emissor-receptor sintonizado para todas as radiações electromagnéticas.

REACÇÕES QUÍMICAS

São reacções nas quais dois ou mais elementos se combinam para formar um composto, sendo as suas propriedades diferentes dos elementos que nelas tomam parte. Podem ser obtidas por união iónica ou electrónica.

Unões iónicas — Um átomo natural tem sempre a mesma estrutura electrónica, isto é, o mesmo número de níveis e o mesmo número de electrões em cada nível. Quando o nível exterior do átomo não é estável, ele tem tendência para fixar ou ceder electrões, transformando o átomo neutro em ião. Os iões são positivos ou negativos conforme respectivamente os átomos cedem ou fixam electrões.

Suponhamos, então, dois átomos em presença um do outro, tendo um deles tendência para ceder e o outro para fixar, um electrão. Se eles se aproximarem suficientemente um do outro, dá-se uma transferência de electrões entre os átomos, passando estes a iões. Como os iões formados são de sinais contrários, têm tendência a atrair-se, dando uma molécula dum composto electricamente neutro. Pode-se dar a transferência de mais de um electrão. As uniões deste género chamam-se iónicas.

Unões electrónicas — Como já foi dito, os electrões estão animados de movimento de rotação própria. Este movimento, associado à carga eléctrica de que estão possuídos, tornam-nos equivalentes a imãs, em que os polos estivessem nos extremos dos eixos de rotação. Cada electrão cria, pois, um campo electromagnético.

Se, num dado nível electrónico, os electrões tiverem eixos paralelos e girarem em sentidos contrários, sendo em número tal que a resultante dos campos magnéticos por eles formados seja nula, estes electrões atraem-se mutuamente e o nível em questão possui grande estabilidade. É o que sucede com os níveis saturados e com os octetos. Se, pelo contrário, o campo resultante não for compensado, o nível em questão tem tendência

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Um aspecto da Assistência local

Junta de Freguesia

No relato publicado no último número, relativo à visita que um dos redactores do «Notícias do Algarve» fez à sede da Junta de Freguesia desta vila, saiu gralhado um dos seus períodos.

Indicou-se que dos 50 contos que constituíram as receitas no ano de 1952, foram gastos 20 contos com a alimentação dos pobres, quando a verdade é: «que se gastaram mais de 40 contos.»

Que nos desculpem do erro involuntário os membros do referido organismo, e também os nossos leitores que, certamente, não encontraram bem que se tivesse dispendido tão reduzida quantia com a alimentação dos pobres quando fez a comparação entre esta rubrica e o montante da receita.

Aqui fica, portanto, feita a justa rectificação.

FEIXES PLANETÁRIOS

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

para fixar electrões compensadores.

Consideremos agora dois átomos, na presença um do outro, que não tenham o seu nível exterior compensado e cujos campos sejam antiparalelos. Se se aproximarem suficientemente, os dois electrões não compensados atraem-se, dando uma molécula dum composto no qual os dois electrões formam um par. Este par, ficando a pertencer aos dois átomos, descreve a mesma órbita, ocupando os núcleos dos dois átomos os dois focos da elipse.

A separação dos dois átomos, mantendo o par electrónico, dava a criação de dois iões de sinais contrários que tinham igualmente tendência a atrair-se para formar o composto, donde se conclue que a molécula formada é estável. Por vezes, podem-se formar mais do que um par de electrões, chamando-se atómicas as uniões deste género. Os elementos nas condições citadas das uniões iónicas e atómicas dizem-se que têm afinidade química.

Não hesite, anuncie no «Notícias do Algarve» e verá aumentar as suas vendas.

Holland-America Line

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“APPINGEDYK”

carrega em LISBOA em 28 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 19 de Outubro

«DONGEDYK» — 3 de Novembro

«LOCH RYAN» — 20 de Novembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

Conde de Ficalho

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

quela época, o agravo imperdoável, feito em termos bastante desprimorosos, com que se pretendeu atingir um valente e honrado militar.

Nos fins do mesmo mês de Janeiro, quando o capitão-ajudante da Torre de Belém, onde permanecia enclausurado, lhe comunicou que recebera ordem do general para o pôr em liberdade, o conde de Ficalho recusou tal concessão, declarando que se considerava preso até ordem em contrário, mas emanada do seu Príncipe Regente.

E certamente só nessas condições é que saiu da prisão que injustamente lhe foi imposta na linda Torre de Belém, onde na contemplação dos seus belos rendilhados de pedra, na evocação dos esforços, vitórias e sacrifícios que aquele padrão augusto representa, e, ao espreitar o olhar pelo Tejo, até se sumir no mar nostrum, congeninou com legítimo orgulho o plano de uma reabilitação incontestada, que tornou estêreis os maus intuitos dos seus detractores.

Não hesitou em se alistar como voluntário e simples combatente, tendo-se batido valorosamente, sobretudo na batalha do Buçaco. Em face da sua pobre conduta foi louvado por expressa determinação do marechal Beresford, que desejou dar-lhe publico testemunho da sua elevada consideração.

Sobre o interessante caso, parece-me convir transcrever na íntegra, a ordem do dia de 6 de Junho de 1811, emanada do quartel-general de Elvas: «Sua Excelência o senhor marechal, deseja que o Exército se lembre da Ordem do Dia de 19 de

Janeiro de 1810. Sua Excelência deu então esta ordem convencido de que era justa e convinha ao serviço de S. A. R., o Príncipe Regente Nosso Senhor, porém, agora sente a maior satisfação em a fazer lembrar ao Exército, para dissipar toda a impressão desfavorável que ela possa ter produzido no carácter e honra do official que fez o seu objecto, o Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor Francisco de Melo. O senhor Marechal tem depois testemunhado, ele mesmo, os desejos deste Fidalgo de servir o seu Príncipe e a sua Pátria, apesar do estado da sua saúde, que, tendo-o muitas vezes obrigado a deixar o Exército, tem sempre voltado para ele o mais depressa que lhe tem sido possível; ele se tem mostrado digno, em todo o ponto de vista, da aprovação do senhor Marechal, e, finalmente, sendo ferido em Albuera, apesar disso não deixou o campo de batalha.

O senhor Marechal julga ser uma justiça devida à pessoa de que falou a dita Ordem, e à Nação, o retractar-se de quanto então disse, não só em consequência das provas em contrário, que depois tem tido, como também pelo merecimento da pessoa de que falou; e, em semelhantes casos, Sua Excelência sentirá sempre grande prezar quando tiver de retractar-se. O Senhor Marechal não faltará a recomendar a S. A. R. se digne restabelecer o Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor Francisco de Melo no seu serviço, no posto e com a antiguidade que tinha, como se não houvesse saído dele.

O senhor Marechal não pode deixar de sentir o mau estado da saúde deste fidalgo, pois que muitas vezes tem sido testemunha dos terribes efeitos que o impedem de servir com o ardor e constância que deseja.

Depois de exautorado em termos intencionalmente violentos e de comprovada injustiça, a retractação feita pelo próprio marechal Beresford não podia ser mais completa e significativa, porque o exemplo dado pelo distinto fidalgo molestado, foi de veras brilhante, como fora sempre irrepreensível a sua conduta militar. Lutou briosamente contra os invasores franceses, dentro e fora do nosso país, tendo sido ferido na batalha de Albuera, e veio, por fim, a falecer no dia 25 de Agosto de 1812, em consequência de outros ferimentos, mais graves, recebidos então na batalha de Arapiles, à frente do regimento de Infantaria n.º 15, de que era tenente-coronel. Os seus restos mortais repousam na catedral de Salamanca, e hoje, para os visitantes do grandioso templo, o gula da visita costuma indicá-los com palavras de exaltação, dizendo: «Es el tumulo del português».

Havia casado com D. Eugénia de Almeida, que foi marquesa e duquesa de Ficalho, como recompensa da sua fidelidade e de nobilíssimas virtudes pessoais, e de quem teve vários filhos varões, que tanto se distinguiram durante as lutas liberais, em defesa dos direitos representados por D. Pedro IV.

Desapareceu, portanto, apenas com 30 anos de idade, uma grande figura de português, valente e pun-donoroso, natural de Serpa, e que muito me apraz apontar, com toda a admiração, para que não caia no esquecimento a memória de alguém que tão eloquentes provas deu do seu valor militar e do seu carácter íntegro, e, assim, impõe-se que, pelo menos, a uma das ruas da sua histórica vila natal seja dado o nome deste ilustre serpense, como modesta homenagem, tão justamente merecida.

Dr. Francisco Valente Machado

Electricidade para as Hortas

A propósito da noticia que publicamos no último número do nosso jornal, apontando a necessidade de se tornar extensivo ao sítio das Hortas o fornecimento da energia eléctrica, muitos dos nossos leitores têm-nos manifestado o seu aplauso pela respectiva publicação, a qual, segundo nos confirmaram, é inteiramente a expressão do seu desejo.

CREADA

Precisa-se que seja fiel e saia bem de cosinha.

Casa de pouca família e paga-se bem.

Nesta redacção se informa.

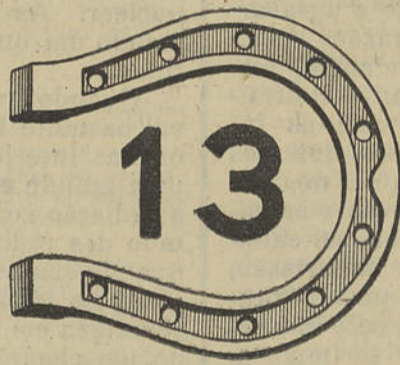
VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS

de Consumo e Exportação

QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa

é o seu Proprietário

AGENTES EM:

África e Brazil

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,
«Minha Ultima Marca»
e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
Credit Franco-Portugais
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTONIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefone

13 - Cartaxo

27 - Ericeira

821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

Uma Carta

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do isto faz parte de uma «época» que findou, que eu vi findar, numa das últimas tardes de Setembro, na esplanada do Casino, recebendo na face uma brisa fresca e húmida vinda do mar largo, embevecido na contemplação de uma creaturinha triste, recostando o seu perfil de Diana melancólica («malgré» os «shorts» e o cigarro...) nas últimas claridades do poente — enquanto a meu lado, como único sinal de vida, se desenrolava um «bridge» macambúzio e sonolento.

Mas o Verão há-de voltar para o ano, inevitavelmente. A esplanada, agora abandonada, animar-se-á, de novo, com a vida de todos os anos. A praia, presentemente deserta e varrida pelo ventinho agreste, cobrir-se-á de toldos, de «sereias», «tritões» e espécies similares... E, entretanto (vá lá a sentença despretenciosa), bom seria que, nessa nova época, Monte Gordo apresentasse aos olhos dos seus habituais frequentadores, de fato novo e arrecadas!

Finda a época balnear, parece-nos que se deveria dar início — e quanto antes, melhor — à época das várias operações de «cirurgia estética» de que Monte Gordo tanto carece. Em primeiro lugar, porque a sua necessidade e urgência já não oferece dúvidas a quem quer que seja, dever-se-iam tomar as providências necessárias para que o Hotel, Pousada ou Pensão (algo, enfim, para receber e alojar decentemente quem visita Monte Gordo) se transformasse numa realidade. Isto não significa apenas uma velha aspiração de várias gerações; representa uma necessidade imperiosa que, enquanto se não conseguir, nos priva de alimentar esperanças em matéria de turismo a sério.

Ao que me dizem, a Comissão Municipal de Turismo está seriamente interessada no assunto, e eu não duvido da sua boa vontade. O que, todavia, é preciso, é agir, agir depressa. Não vá suceder que, na altura de alugar os quartos, estejam ainda a construir os alicerces — ou «pairando» na elaboração do projecto. Mesmo tratando-se da adaptação de alguma vivenda («hipótese económica», a que já me fizeram referência), não é cedo para começar. Estas coisas levam tempo — e o tempo, neste caso, é mais que dinheiro! é o bom nome de Monte Gordo.

Outra coisa que, nos últimos anos, tem sido motivo de amargos comentários, é a falta de campos de ténis. Havia um que, por motivos imponderáveis, levou sumiço. É nada o substituiu.

Não haveria possibilidade de conseguir instalar pelo menos dois, de preferência na mata de pinheiros? É um parque infantil, mais completo que o instalado na praia durante a época passada? E um ringue de patinagem?

Agora, com estas brisas outonais, propícias ao refrescamento de ideias, não seria oportuno ir pensando — e trabalhando! — nestes diversos assuntos?

Monte Gordo é uma dádiva da Natureza pela qual devemos estar gratos — e fazer alguma coisa que demonstre essa gratidão!

E muito embora nada tenha

A CIÊNCIA LIBERTOU-SE!

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a atingir: Para a ciência há verdades com v pequeno, sempre em conflito com outras verdades; para as religiões há verdades com v grande, intangíveis, absolutas, indiscutíveis. Aqui a verdade é monolítica e está acabada; ali a verdade consta de pequenos tijolos com os quais lentamente, cada vez mais lentamente, se ergue uma construção utilitária que nunca mais se conclui e onde a humanidade se acolhe a título precário.

A história das religiões fixa-se num ponto e numa época. Não há cronologia. Nem a podia haver: A verdade com v grande não evolui. E' ela própria.

A história das ciências pode fazer-se dia a dia. Começou quando o homem se apercebeu da constância de certos fenómenos extraindo as primeiras normas. Sabe-se lá quando isso foil...

Dizem que a astronomia nasceu na milenária Caldeia, e que a geometria é filha das cheias do Nilo, o indomável rio que todos os anos arrancava os marcos divisórios das propriedades ribeirinhas.

Positivamente, a ciência abriu os olhos na antiga Grécia, alguns séculos antes de Cristo. O primeiro grande observador da Natureza foi Tales de Mileto (séc. VI a. C.), considerado um dos sete sábios da Grécia e inventor do célebre «teorema de Tales» que todos os estudantes dos nossos liceus conhecem.

Foi também na Grécia que a medicina começou a libertar-se das curas por magia. Conta-se que Diógenes tentou (embora rudimentarmente) a primeira descrição topográfica das veias!

Com Pitágoras e sua escola, surgiu a primeira tentativa para se explicar o universo pelo número. A matemática ergueu-se como ciência, dividida em 4 ramos: aritmética, geometria, música e astronomia. Foi por esta época que os estudos de Hipócrates fizeram com que fosse chamado o «pai da medicina».

Do Liceu de Aristóteles saíu Teofrasto que, descrevendo as plantas, ficou como «pai da botânica».

Eis a ciência a desenvolver-se no seu dia a dia vitorioso, acumulando curiosidades e descrevendo factos. E' ainda uma fiel servidora da filosofia! Empréstalo-lhe os seus conhecimentos e não tem propriamente um ideal!

Mas que pretendia a filosofia? Atingir, pela razão, o ponto que a religião ocupava pela fé. Enesse objectivo ninguém duvidava que a estrada não fosse segura e em linha recta!

De repente, tudo mudou. Os «sofistas» apareceram como

dito de novo nesta matéria (*nihil in eis sub sole*, como diria Salomão), creio não ofender ninguém se, roubando um pouco de espaço do seu jornal, venho recordar estas necessidades, recordando, também, que o tempo passa mais depressa do que julgamos.

Fica-lhe muito grato pela publicação desta,

Um leitor

verdadeiros demolidores. A paixão deles consistia em inventar argumentos para destruir o que estava feito. Tudo lhes servia...

Levantou-se pela primeira vez o problema do conhecimento⁽¹⁾ que, mais tarde, vai permitir que a ciência se liberte.

Estamos fazendo um singelo artigo sobre matérias vastíssimas que enchem tratados. Temos de dar um longo pulo. Da Grécia só importa trazer uma das objecções sofistas: Que vem a ser o conhecimento?

Em face da imperfeição do homem, deverá ser algo de imperfeito. E então? Como pode ser possível que conhecimentos imperfeitos consigam verdades perfeitas?

Eis o conflito aberto e o momento da separação: A filosofia resistiu; a ciência capitulou.

Note-se que capitular não significa derrota. Antes pelo contrário: A ciência individualizou-se e passou a ser ela própria, com objectivos próprios e caminhos próprios.

O seu pensamento evoluiu, encaminhando-se para esta conclusão singela:

O mundo pode não ser como nós o vemos. E' possível que existam fenómenos e nómens, o observável e o não observável, as aparências e as coisas em si. Tudo vem até nós pelos sentidos — engrenagem imperfeita, espécie de metro impossível de se aferir. Mas se a medida absoluta é impossível, a medida relativa apresenta-se viável e altamente útil.

Estamos dentro da filosofia da ciência! Julgo que, sem querer, chegamos ao verdadeiro conteúdo das verdades com v pequeno!

Foi até aqui que vos quis trazer. O resto fica para outra ocasião.

1) É célebre a frase do sofista Protágoras: «O homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto são, e das que não são, enquanto não são».

O problema Agrário em Portugal

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

ciso considerar o problema demográfico, o da produção geográfica (zonas de cultivo adequadas a cada região, etc.), a industrialização da actividade agrícola, que exige, por mais económica, a criação de grandes granjas onde o cavador é substituído pelo mecânico e o engenheiro ocupa o lugar do anacrónico feitor.

Tudo indica (tomando como ponto de referência o que se passa na Escandinávia, na Califórnia, na Austrália, etc.) que o camponês agrícola do futuro será um cidadão culto, perito e técnico na sua profissão, o que, só por si, é elemento de capital importância, pois muito há a esperar da racionalização do trabalho e do tratamento científico das terras e das culturas, trabalho que não pode ser feito convenientemente por quem não tenha preparação cultural adequada.

Entretanto, é apenas circunscrito ao problema agrário em Portugal, nada perderiam os estudiosos, se consultassem a magnífica lição que o Dr. Mário Gonçalves Viana, pronunciou na Tribuna da Liga Por-

Os Super-Homens

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

che com o seu «desprezo pela humanidade» se mostrara uma boa fonte inspiradora das ideias do nosso tempo. Ele próprio se ufanava de escrever para o futuro. Não se enganou e muitas das suas conjecturas foram seguidas e aceites sem discussão.

Repugnavam-lhe ao filósofo todos os instintos que mostram tibieza e fraqueza humanas; odiava a *canaille*, considerando tudo isso o rebotalho de uma humanidade que lhe não merecia qualquer complacência ou simpatia. O seu programa, segundo ele, residia na simplicidade: *Vivei assim a nossa vida de obediência e de guerra*. De facto não se podia pedir nada mais claro e mais simples. Na sua pré-loucura visionou «o desespero» a que o homem se sujeitaria nos anos futuros. Eis, Nietzsche, o deus da vontade!

Ainda hoje muitos vão procurar nas suas obras o falso estímulo, o acicãte doentio e mórbido para as ambições que fermentam nas suas cabeças desvairadas. O seu «Zarathustra» é ainda uma espécie de breviário para todos os que se candidatam a aspirantes a super-homens. Mas que representava essa vontade nietzschiana seguida e refundida por um Rosenberg, o teórico do nazismo, adoptada por um Alexis Carrel que a revestiu de indumentária científica, que vontade é esta, que não olha a contrariedades, a contratempos, a obstáculos de qualquer espécie? Era a vontade desumana, alheia a quaisquer condições do meio social, negando qualquer factor determinante, sobrepondo-se como força explosiva a tudo que a explica e limita.

O homem voluntarioso, o super-bomem! De alguns resta hoje apenas a amarga lembrança da sua corrida de chacais através do pântano em que se enlamearam; de outros, entes superiores, transformados em ócas divindades, permanece apenas o asco a convulsionar a humanidade em vômitos de enjôo e náuseas.

Mais cedo ou mais tarde, todos os super-homens, se reduzem a titeres, méros factótuns manejados a bel prazer daqueles que ocultos nos bastidores, urdem e tecem as meadas. E então são plangentemente o dobre a finados. E o homem da vontade insuperável, o super-homem, derradeira criação de sociedades mórbidas e de letérias, não só reconhece o logro que foi a sua vida inteira, como pela primeira vez, embora tardiamente, se satisfaz com sete palmos de terra, o exíguo espaço que cabe a qualquer miserio mortal.

Rodrigues Pena

Este número do «Notícias do Algarve» tem 6 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

tuguesa de Profilaxia Social, subordinada ao tema «O Problema Agrícola Português considerado à luz da psicologia, da pedagogia e da sociologia» e que foi incluída num dos nossos Cadernos Culturais, pois trata-se, realmente, de uma obra digna do estudo dos que se interessam pela matéria.

Para si, minha senhora

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

uma grande novidade da estação. Sobre os ombros recai a grande responsabilidade do modelo «tailleur». Depois deles é a gola (mesmo quando não existe) o que mais atrai a nossa atenção. E digo «mesmo quando não existe» porque no seu lugar há sempre uma nota que prende o olhar, seja a simples gravata de caracul ou de pantera amarela, seja a pequena «écharpe» de sede com reflexos metálicos ou de veludo de suave colorido.

Os ombros são, agora, arredondados, geralmente com a ajuda do «padding» mais ou menos enchumacado e de tamanho variável, havendo alguns que chegam mesmo ao cotovelo. O corte género quimono ainda se emprega muito, mas a costura da manga, embora um pouco descaída, também já é corrente. Para valorizar o busto (outra das tendências actuais) alguns costureiros apresentam modelos cortados, na frente, das mais variadas formas.

Quando ao «paletot», trata-se de um casaco largo, por vezes caíndo a direito, cujo comprimento ultrapassa, em alguns centímetros, a altura da anca. Pode ter a linha «saco», a «barril», a «tubo» ou a «aquece-corções» e ser forrado com seda, com veludo ou com pele caracul, «agneau», castor, arminho, pantera ou gato, que este ano tomou o seu verdadeiro nome e é considerada uma pele elegantíssima. O corte deste «paletot» obedece à maior simplicidade, havendo alguns modelos com golas e largos canhões de pele.

Parece que a ideia dos costureiros parisienses é substituir o antiquado casaco comprido por este conjunto «tailleur» e «paletot» ou pelo conjunto de vestido, casaco de «tailleur» e «paletot». Dizem eles que as senhoras já devem estar fartas do eterno casaco.

A fazenda que mais se usa nestes conjuntos é o «tweed» inglês e as cores são a mistura do castanho alourado com o cinzento, a mistura do azul acinzentado com o preto e, é claro, o conhaque mosqueado com tons alegres de verde, vermelho ou violeta.

No mundo da moda já mesmo se diz e, com certa graça, que a divisa do moderno «tailleur» é «Entente Cordiale». Ou seja: os belos tecidos ingleses aliados ao gracioso corte francês...

O XXIII aniversário do Grupo «Os Carlos»

No dia 4 de Novembro próximo, o grupo «Os Carlos» completa 23 anos de existência. Vai portanto, entrar no XXIV ano de actividade e para celebrar o facto organizou o seguinte programa:

Domingo, 1

A's 15 horas — Exposição de Enxovais oferecidos pelas famílias e pessoas amigas, para serem distribuídos aos Carlos recém-nascidos no dia 4, dia de S. Carlos, Patrono do Grupo.

A's 16 horas — Homenagem do pessoal da Secretaria ao ex-secretário do Grupo Carlos Pardal Cardoso.

Segunda-feira, 2

A's 15 horas — Visita dos directores aos hospitais onde distribuirão tabaco aos homónimos ali internados.

Terça-feira, 3

A's 10 horas — Visita dos directores às prisões, e distribuição de tabaco, géneros e dinheiro aos Carlos encarcerados por qualquer delito.

A's 15 horas — Distribuição de um bode a 500 dos seus protegidos, a qual se realiza na sede, Praça de Alegria, 38.

Quarta-feira, 4

A's 9 horas — Missa de sufrágio pelos Carlos falecidos, no altar de S. Carlos, na Igreja de Santa Maria da Madalena.

A's 20 horas — Jantar de confraternização de Carlos e suas famílias no Salão Nobre da sede.

Domingo, 8

A's 10 horas — Distribuição de enxovais e berços aos Carlos nascidos no dia 4, nas maternidades ou fora destas.

A's 15 horas — Visita cultural ao novo Museu Escola de Arte Antiga nas Portas do Sol.

Está indeciso?

Não hesite. A HAVANEZA é a casa que melhor pode servi-lo em todos os trabalhos de fotografia.

VIDA DESPORTIVA

Resultados da 4.ª jornada:

Olhanense, 0 — C. U. F., 1
 Almada, 1 — Portimonense, 3
 LUSITANO, 0 — Juventude, 0
 Luso, 2 — S. Domingos, 0
 Desp. de Beja, 2 — Montijo, 1
 União Sport, 5 — Farense, 0

Lusitano, 0 — Juventude, 0

A 4.ª jornada do campeonato nacional da II Divisão trouxe até Vila Real a equipa do Juventude de E'vora, da qual, como tivemos ocasião de verificar, fazem parte jogadores de boa estirpe, bem estruturados num sistema definido de jogo.

O Lusitano, privado ainda do concurso de cinco dos seus melhores elementos, apresentou, mais uma vez, um grupo constituído por vários elementos que, não obstante a sua boa vontade, não podem servir a equipa de harmonia com as suas necessidades.

Sobretudo a linha avançada revela excessiva ingenuidade e muitas deficiências, tanto de ordem técnica como de conjunto.

Sabemos que no referido quinteto alinham nada menos que cinco elementos vindos este ano do torneio popular e, por isso, sentimo-nos no dever de sermos indulgentes.

Contudo, não resistimos à tentação de afirmar que, se de baixo do ponto de vista técnico há que tolerar certas fraquezas, sob o ponto de vista estratégico pode-se exigir mais.

Queremos, sobretudo, referirmo-nos à disposição no terreno dos cinco homens da frente.

Existia a conveniência em dispô-los, não em forma de um W rígido, como vimos, mas, pelo contrário numa disposição tática que, debelando parte do seu pouco poder ofensivo, obrigasse, consequentemente, o M defensor adverso a actuar de maneira diferente daquela para que está ministrado.

Falta dos orientadores técnicos do grupo ou relutância de disciplina de jogo por parte dos jogadores? Não sabemos, ou melhor, preferimos fingir não saber.

O resultado final da partida de 0-0 pode induzir em erro a quem não assistiu. Na verdade a ausência de golos parece querer reflectir grande supremacia das defesas sobre os atacantes e a carência de oportunidades de transformação, quando, na realidade, os homens das linhas da frente conseguiram várias vezes bater os elementos defensivos contrários e abrir o caminho das balizas. O golo esteve até muitas vezes à vista e as jogadas de perigo sucederam-se, emprestando ao jogo entusiasmo e expectativa. O empate foi, realmente, o resultado mais justo. Ambas as equipas podiam ter ganho mas da vitória dum delas resultaria uma injustiça.

Se num lado, o dos visitantes, houve melhor trabalho técnico e jogadas de melhor recorte, no outro, em contrapartida, houve mais rapidez, voluntariedade e, porventura, melhor sentido de entreejuda, apanágio fundamental num jogo de equipa como é o futebol.

O Juventude de E'vora deve ser presentemente a equipa mais cara da II Divisão. Nas suas fileiras abundam autênticos profissionais do futebol como o espanhol Camacho, o argentino Forneri, os ex-belenenses Teixeira da Silva e Fausto Matos e o africano Pedro Gomes.

Os dirigentes da simpática colectividade eborense, porém, podem ficar tranquilos quanto à competência dos reforços adquiridos, pois, não há dúvida, todos são elementos de bom valor.

Forneri é um jogador tecnicamente perfeito. Esplendido dominador da bola, sabe fintar habil-

mente e tem a melhor concepção do passe.

Camacho é um avançado perigosíssimo que nós vimos pela primeira vez, impressionando-nos muito agradavelmente. Rápido, oportuno, rematador e sabendo-se demarcar.

Pedro Gomes revelou excepcionais qualidades, tendo um segundo tempo magnífico.

A equipa, em conjunto, tem valor. O esférico rola de trás para a frente com naturalidade, em triangulações perfeitas e numa toada de jogo raso. Os defesas, sempre que lhes é possível, servem os companheiros em vez de aliviarem bem aos avançados e estes desmarcando-se e permutando lugares continuamente, aproveitam sempre os espaços vazios para as infiltrações.

Expendida desta forma a nossa opinião sobre o jogo da equipa eborense e após o que já demos a entender da equipa do Lusitano, parece à primeira vista, estarmos a incorrer numa estúpida contradição, quando temos como justo o empate registado.

Os jogadores vilarealenses compreenderam que, à superioridade individual e colectiva do conjunto adversário, teriam de opôr outros trunfos para que não fossem totalmente subjugados acabando por saírem do rectângulo, perante os seus contrários, vergados ao peso dum grande derrota.

Desta feita, apareceram-nos a jogar rápidos sobre a bola, velozes na recuperação, espírito de entreejuda, ocorrendo prontamente às abertas deixadas por companheiros batidos; atenção ao jogo e marcação cerrada.

Neste aspecto a defesa e meia defesa vilarealenses foram quase perfeitas.

Na frente as coisas não correram tão bem. Houve dois elementos que destoaram completamente da enérgica actuação dos restantes, mais por características congénitas que propriamente por falta de vontade.

Por razões especiais, furtamo-nos a dar referências individuais aos jogadores do Lusitano, mas como pretendemos chamar a atenção de um deles para um pequeno pormenor a corrigir, vamos abrir uma excepção.

Um dos jogadores que mais sobressaiu na equipa lusitanista foi, como oito dias antes, o médio Rodolfo. Vem de jogo para jogo a progredir firmemente. O seu trabalho com a bola está mais perfeito e joga agora com mais cérebro. No desafio a que vimos fazendo referência, estava a fazer um bom lugar, no seu jeito característico de luta e de sobriedade. A partir de certa altura, porém, ou porque se sentisse inspirado para mais altos cometimentos ou por desejar adornar a sua exibição com preciosismos para a assistência, iniciou uma série de «dribles» e retenções de esférico, que emperraram o andamento do jogo e prejudicaram alguns lances da equipa, complicando-os. Não, amigo, há que lembrar que o futebol é um jogo de equipa ficando todos os jogadores subordinados ao seu mecanismo, não restando lugar a devaneios pessoais nem a preocupações de realce individual.

Os grupos alinharam: Lusitano — Balbino; Rui, Reins; Rodolfo, Jorge, Agostinho; Raimundo, Andrade, Antunes, Modesto e Júlio. Juventude — Soares; Vieira, Casimiro; G. Reis, Pedro Gomes, F. Matos; Gonçalves, Job, Teixeira da Silva, Camacho e Forneri. L. C.

FUTEBOL

Olhanense, 0 — C. U. F., 1

Ao fim de 90 minutos de jogo... (?)

No Estádio Padinha, realizou-se no passado domingo, perante regular assistência, o encontro de futebol entre o S. C. Olhanense e a C. U. F., sob a arbitragem do juiz de campo, sr. Luís de Magalhães, auxiliado pelos juizes de linha, Fernando Soares da Cruz e Mário Ribeiro, da Associação de Futebol de Lisboa.

Os grupos alinharam: Olhanense — Abraão; Graça, J. Manuel, Toupeiro; Tavares, Fernandes; Coelho, Mourão, Venício, Casaca e Paixão. C. U. F. — Libânio; Matos, Celestino, Orlando; Carreiro, Vale; Barriga, Vasques, Sérgio, Luís e André.

Os suplentes eram os guardiões Cravo, pelo Olhanense e Jacinto, pela C. U. F..

O jogo foi todo ele, salvas algumas pequenas fases de futebol, de uma pobreza enervante, de parte a parte. O Olhanense apenas teve a defesa em tarde acertada, e nos barreirenses, nada mais se viu, também, do que a preocupação de aliviar, atabalhoadamente, de qualquer forma.

Se não fora a feliz tarde dos defesas Tavares e Graça, que se mostraram valorosos, e a habilidade de Venício, que embora jogando mal, mostrou-se com vontade e apego na luta, que chegou a estar a ocupar os postos de avançado-centro e interior, quando os outros do quinteto avançado deram mostras de uma inferioridade física, doentia, digna de ponderação, não sabíamos se o clube da vila da Restauração não teria sofrido pesado desaire.

A 1.ª parte foi jogada com a bola pelo ar, sem preocupações de mandarem a bola pelo chão, pois, assim a C. U. F., tinha vantagens, pois os seus defesas eram altos, e nunca o Olhanense poderia levar a melhor.

O Olhanense foi derrotado pela diferença mínima, e não há dúvidas que os rapazes do Barreiro mereceram a vitória, pois fizeram algo mais bonito do que os donos da casa, embora não tivessem mostrado grande classe.

O único golo da partida foi obtido na 1.ª parte por Sérgio, avançado-centro da C. U. F., de cabeça, com culpas para a defesa visitada, especialmente para José Abraão, que ficou colado no terreno.

O segundo tempo jogou-se na mesma toada, embora o Olhanense nos últimos vinte minutos tivesse feito todo o esforço por não sair batido, mas a sorte não esteve no seu lado, especialmente quando o extremo esquerdo Paixão, se encontrava na frente da baliza e mandou a bola para fora.

Claro, a equipa da C. U. F. com uma defesa cerrada, não deixou os avançados do Olhanense chutarem muitas vezes á baliza.

O jogo nada mais teve de emo-

tivo. A C. U. F. foi sempre mais veloz, ganhando em antecipação perante o conformismo adormecido dos dianteiros de Olhão; e só por isso não perdeu o jogo; O seu esquema de jogo, porém, foi como já dissemos bastante modesto no conjunto, embora se deslumbrasse o valor de Sérgio, Barriga, André e Celestino.

No Olhanense, que apresentou um onze falho de entendimento e fisicamente mau, Tavares, o melhor em campo, destruindo com saber e empurrando os dianteiros para o golo; Graça, também jogou admiravelmente, e muitas vezes acorreu a outros lugares que não lhe compete; J. Manuel, teve altos e baixos; Fernandes e Toupeiro, os dois médios de ataque jogaram mal, pois nunca se preocuparam de entregar uma bola em condições aos avançados, também denotaram falta de preparação; Casaca, habilidoso sem dúvida, muito frágil, por enquanto; Venício mostrou vontade e mais não podia fazer com interiores daquela natureza.

Para terminarmos, de registar a estreia dos jogadores Mourão e Paixão, que estranharam o ambiente e jogaram mal, e estamos certos de que a culpa não é deles, pois há três jornadas que o grupo vem jogando com um grupo certo, e no domingo que o clube precisava de vencer, modificaram a linha e isso talvez vá fazer com que o Olhanense não se classifique.

A arbitragem do sr. Magalhães pode considerar-se boa.

Vamos a ver, se, com a inclusão dos argentinos, Delduca e Santiago, o clube será capaz de nos dar ensejo a assistirmos a bons encontros de futebol. Assim desejamos sinceramente.

* * *

DOIS ARGENTINOS

reforçam o Sporting Clube Olhanense

A notícia do contrato feito pelo Sporting Clube Olhanense com dois interiores argentinos para reforço do 1.º team do popular clube algarvio, além de constituir um acontecimento digno de registo, pela vontade enérgica de um grupo de amigos constituídos em «comissão de iniciativas», inteligentemente apoiados pela Direcção do Clube, veio trazer aos bastidores desportivos do burgo um interesse especial por parte dos milhares de desportistas que parecem já desinteressados das coisas da bola. E só assim se explica que os treinos dos velhos campeões de Portugal estejam a ser assistidos por milhares de curiosos, alguns deslocados proposadamente de várias terras do Algarve, que, — e isto diz tudo! — pagam voluntariamente a sua entrada no campo, correspondendo, desta forma, carinhosamente, à iniciativa da gente moça que surgiu, sem olhar a sacrifícios, a tentar elevar o clube ao plano a que tem juz.

Honra lhes seja feita. Em compensação de tantos esforços e sacrifícios, parece-nos que se não trabalha em vão. Os dois argentinos correspondem perfeitamente à expectativa. Embora evidenciando desreino e pouca familiaridade com terrenos não relvados, Santiago e Del Duca dão nos mostras do valoroso futebol argentino, inteligente, calmo, desconcertante por vezes. São elementos, afinal, de que o clube da vila cubista bem precisa.

Depois do jogo do passado domingo, no Estádio Padinha, em que os algarvios baixaram bandeira pela primeira vez esta época e em sua casa, precisamente pela falta de interiores e pelo fraco rendimento da linha média, quize-mos ouvir a opinião dos simpáticos argentinos sobre o nosso futebol — que-remos dizer o futebol da «casa»! — e das suas intenções futuras.

De improviso, atacámos Felix Federico Santiago, interior direito que foi do Racing, de Buenos Aires, um jovem de 24 anos, uma esperança ainda, que, no seu tom habitual, de aspecto sisudo mas correctíssimo nos declara logo:

— Quero esclarecer antes de mais nada, o reporter e o público, que me não considero estrela de primeira grandeza, de resto se atendermos a que venho de um país onde os praticantes e profissionais do futebol são em número tão ele-

Jogos para hoje:

Olhanense - Almada
 Portimonense - LUSITANO
 Juventude - Luso
 S. Domingos - Desp. de Beja
 Montijo - União Sport
 C. U. F. - Farense

vado que difícil se torna ser «estrela». No entanto, pode crer o repórte, e o público amabilíssimo desta vila também, que, ao envergar oficialmente as cores do Sporting Clube Olhanense, que tanto me recordam as do São Lourenço de Almago, porei na luta todo o meu saber e energia, por forma a corresponder ao que o Clube e o público desportista esperam de mim.

Preguntámos-lhe a sua opinião sobre o jogo a que acabou de assistir, entre o Olhanense e a Cuf, e, com a correcção do costume, Santiago esclareceu-nos:

— Nada posso dizer de concreto sobre a classe dos contendores. Bem vê, também jogo a bola!... Além disso a assistência a um encontro não é suficiente para que possa avaliar da classe dos elementos em luta. Parece-me, entretanto, que se jogou com muitos nervos. Natural, talvez, em adversários que se temiam mutuamente.

Agradecendo a Santiago a sua amabilidade para com «Notícia do Algarve», logo se nos deparou, sorridente, no seu estilo próprio de moço folgazão, igualmente de 24 e correcto e aprumado, o argentino Arturo Del Duca, outro jovem conforme prova a idade, joga no posto de interior esquerdo, e defendeu as cores da equipa do Independente, de Buenos Aires, terra da sua naturalidade.

Não nos deu qualquer opinião sobre o jogo, apreciou o espírito de camaradagem demonstrado pelos jogadores do Olhanense, o carinhoso acolhimento do público, directores do clube, e acabou por declarar-nos, num estilo apressado, porque a sua atenção estava a ser presa a vários amigos que começavam a rodeá-lo:

— Afirmando-lhe com muito gosto e sinceridade que espero agradecer aos desportistas algarvios, e em especial aos lusitanenses, e que tudo farei para contribuir para elevação do Sporting Clube Olhanense...

Eis quanto conseguimos auscultar dos jovens jogadores argentinos do Olhanense, pela primeira entrevista concedida pelos ditos futebolistas durante os poucos dias que se encontram no Algarve.

H. V.

Fernando Nunes

Telefone 11

VENDA DO PINHEIRO

12 de Novembro de 1949

À «Pensão Mateus»

Vila Real de Santo António

Presado Senhor

Com os meus cumprimentos junto envio a importância de esc. 550, representados por selos de correio, para pagamento das despesas ocasionadas c/o envio para aqui dum camisola que aí deixei por esquecimento

Conquanto não possa pagar todas as maçadas que causei, creia que apreciarei bastante o favor que me prestou, e indicarei sempre a v/ pensão, a todos os m/ amigos que se dirijam para aí, como uma casa que se pode confiar.

Renovando os protestos da m/ gratidão, foi inteiramente ao v/ dispor, e sou

De V. S.ª

Atenciosamente

Fernando Nunes



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino
 de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41 - Apartado 205 - Porto

«OS CARLOS»

Recebemos deste Grupo Onomástico a importância de 20.000 para distribuímos pelos nossos pobres, no dia 4 de Novembro.

Em nome dos beneficiados, apresentamos ao simpático Grupo os nossos agradecimentos.